

Quilombos virtuais: **as novas expressões de (re)territorialização, resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais**

*Virtual quilombos:
the new expressions of (re) territorialisation, resistance,
activism and black empowerment in social medi*

Cristiano Henrique dos Santos

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professor Adjunto na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor (2009) e Mestre (2002) em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO / UFRJ). Possui graduação em HISTÓRIA pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996). Foi professor / sub-coordenador de curso de Comunicação Social da Universidade Gama Filho. Tem experiência nas áreas de Comunicação, com ênfase em Comunicação Mercadológica, atuando principalmente nos seguintes temas: pesquisa de marketing e opinião pública, estudos de audiência e de programação, planejamento estratégico, publicidade e propaganda, além de estudos acadêmicos sobre comunidades religiosas de matriz africana. Atualmente, se dedica a pesquisas sobre Intolerância Religiosa e Metodologias de Pesquisa nas Redes Sociais. É pesquisador do LECC-UFRJ - Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária - e do LACOOPS-UFF. Laboratório de Investigação em Comunicação Comunitária e Publicidade Social. Foi responsável pelo Núcleo de Inteligência de Mercado da Mediator Pesquisa (filiada à Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa / Abep)

Renata Nascimento da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ)
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ) (2018-2022). Mestre em Comunicação pelo PPGMC/UFF (2016-2018). Especialista em Mídias Digitais pela Universidade Estácio de Sá (2012-2013); onde também concluiu a graduação em Comunicação Social/Jornalismo. Bolsista Proatec do Laboratório de Mídias Digitais (LMD/CIBERCOG/UERJ) e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Redes Sociotécnicas do Profº Drº Fernando Gonçalves e do Grupo de Estudos em Relações Raciais do Brasil no Laboratórios de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/UFRJ). Entre os temas de interesse de pesquisa estão cultura digital, questões raciais, relações de poder, narrativa e educação.

RESUMO

O presente artigo busca analisar os processos, fluxos e refluxos, de desterritorialização e territorialização, no contexto da diáspora negra no Brasil. Através dos conceitos de quilombismo e comunidade, examinará as comunidades virtuais “*Ponte para Pretx*” e “*Intelectuais Negras: escrita de si mesma*” localizadas no Facebook, articulando ponderações e reflexões em torno dos processos de empoderamento negro, ativismo, solidariedade e resistência negra, nucleados na ideia de comunidade virtual. Desta maneira, através dos pressupostos da hermenêutica histórica, a pesquisa demonstrará de que maneira as comunidades virtuais fortalecem a cultura negra, segundo a potência de construir territórios de sentido às populações negras brasileiras em torno de arranjos e organizações sociais e culturais.

Palavras-Chave: territorialização; ativismo; resistência negra.

ABSTRACT

This article aims to analyze the processes, flux and refluxes, deterritorialization and territorialisation, in a brazilian black diaspora context. By means of the concepts of quilombismo and community, the article will examine the virtual communities “*Ponte para Pretx*” and “*Intelectuais Negras: escrita de si mesma*” located in Facebook, pondering reflections around the processes of black empowerment, activism, solidarity and black resistance, around the idea of virtual community. Therefore, by the assumptions of historical hermeneutic, the research will demonstrate how virtual communities strengthen black culture, according to the power of constructing meaning territories to Brazilian black people around social and cultural arrangements and organizations.

Key Words: territorialisation; activism; black resistance

Introdução

(...) o capitalismo pretendeu sempre agir como lei de organização absoluta do mundo, com poder centrifugador das forças arcaicas tradicionais (...). Mas também é certo que sempre houve uma grande distância entre o que se diz e o que se faz, entre a representação e o referente, entre a interpretação e o real. No contexto brasileiro, a persistência da cultura negra tem assinalado essa diferença (SODRÉ, 1988, P.108).

O presente artigo se propõe a pensar na perspectiva das estratégias contemporâneas de (re)territorialização do povo negro desterritorializado no processo histórico, desde a escravidão às redes sociais digitais como potência mercadológica de resistência. É eticamente fundamental refletir sobre tais questões a partir de algumas variáveis complexas condicionantes do lugar social do negro na sociedade brasileira, tais como a condição diaspórica do negro no Brasil, o racismo e as condições sociais degradantes da maioria afro-brasileira no país.

As relações de exclusão da comunidade negra, quanto ao território, estão dadas desde a origem. Origem que remonta ao processo de colonização de África pelo Império Português a partir do século XVI, deflagrando o fluxo de milhões de almas de homens, mulheres e crianças negras por mais de três séculos de processo escravista. A diáspora impõe um desenraizamento do sujeito de seu lugar, do seu território originário. Ao mesmo tempo, ao se inserir em terras estranhas, já é o estrangeiro, o outro, a mercadoria, a força produtiva. O negro na condição de escravo, é ele mesmo despossuído da propriedade de seu corpo. Corpo enquanto território é lugar de habitação da própria identidade, de si mesmo, de existência e de singularidade. O corpo negro, corpo mercadoria, corpo ferramenta de trabalho e da produção, é propriedade de um outro – o senhor.

Assim, desenraizado, destituído do direito à terra, engendrou a comunidade negra as suas estratégias de constituição de territórios da diáspora de africanos e descendentes de africanos no Novo Mundo. Deste modo, entre esforços de reconstrução de uma África qualitativa e simbólica, nas expressões culturais dos terreiros de Candomblé ou na organização dos quilombos, há a materialização dos esforços de resistência ao poder do colonizador. Às vezes, resistência, revolta, insurgência; às vezes conformação, amálgama, conversão. Decerto que o negro das mais diversas formas buscou tornar-se sujeito de seu processo histórico, a despeito de seu assujeitamento.

Sendo assim, é possível prosseguir pensando em tais condicionantes históricas, porém, buscando compreender as mutações dos sentidos da comunidade negra

se aquilombar, de construir novos territórios de sentido. Não necessariamente em um lugar físico, correspondente a um território, mas na perspectiva de valer-se das expressões horizontalizadas e atomizadas das redes digitais, não como fragmentação e como desterritorialização, mas como reconexão identitária e vinculação, segundo uma lógica de sentido e de partilha em comum. Abdias do Nascimento na sua obra seminal *O Quilombismo* (2002), aponta os caminhos para transcender a visão do quilombo como “lugar de negros fugidos” para uma dimensão dialógica entre as relações livres, coletivas e solidárias entre populações negras da diáspora e o sistema econômico vigente.

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico. Os precedentes históricos conhecidos confirmam esta colocação. Como sistema econômico o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo ou ujamaísmo da tradição africana. Em tal sistema as relações de produção diferem basicamente daquelas prevaletentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo. Compasso e ritmo do quilombismo se conjugam aos mecanismos operativos, articulando os diversos níveis de uma vida coletiva cuja dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano. Nem propriedade privada da terra, dos meios de produção e de outros elementos da natureza. Todos os fatores e elementos básicos são de propriedade e uso coletivo. Uma sociedade criativa, no seio da qual o trabalho não se define como uma forma de castigo, opressão ou exploração; o trabalho é antes uma forma de libertação humana que o cidadão desfruta como um direito e uma obrigação social. Liberto da exploração e do jugo embrutecedor da produção tecno-capitalista, a desgraça do trabalhador deixará de ser o sustentáculo de uma sociedade burguesa parasitária que se regozija no ócio de seus jogos e futilidades. (NASCIMENTO, 1980, p. 348)

No contexto, das reflexões em torno dos quilombos contemporâneos, pode-se pensar na aproximação do conceito com a ideia de comunidade, como possibilidade de partilha e troca, como comunidade de sentido, para além dos territórios e das instituições. Segundo Raquel Paiva, comunidade é um grupo que convive em “solidariedade, identificação, união, altruísmos e integração” (PAIVA, 2003, p.10). Em sua obra “O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo” (PAIVA, 2003), a pesquisadora, por meio de diversas leituras, analisa o conceito de comunidade, afastando-se da perspectiva rousseauiana de comunidade como impulso nostálgico na direção de um paraíso, em favor de um instrumento cultural de mobilização e transformação social, ao relacionar comunidade a laço social: “comunidade é a metáfora que, aqui, nos parece adequada para a construção de uma nova forma para o laço social.” (PAIVA, 2003, p.10)

A autora indica as alterações ocorridas, ao longo do tempo, no conceito de comunidade, em virtude dos avanços tecnológicos, econômicos e das questões sociais; por meio disso novas formas de laços sociais surgiram em decorrência da necessidade de indivíduos e de coletivos compartilharem suas experiências e construir pontes sobre a dissociação humana (PAIVA, 2003).

A reunião de indivíduos com o intuito de resgatar (ou fortalecer) a solidariedade humana ou a organicidade social perdidas ultrapassa as barreiras físicas impostas pela geografia espacial. Antes, a comunidade precisava ocupar determinado espaço físico para então existir, dependia de instituições ou/e caracterizava-se pelas regras locais, por interesses econômicos, políticos e culturais; hoje, porém, a tecnologia confere à população alternativas de sociabilidade ao compartilhamento de informações e experiências que ultrapassam as barreiras físicas e temporais.

Raquel Paiva (2003) parte de uma discussão em torno do conceito de comunidade, a fim de pensar comunicação comunitária e cidadania. Neste trabalho, por meio do conceito de comunidade da autora, pensaremos as comunidades virtuais formuladas por coletivos negros que se utilizam do ambiente virtual na promoção e potencialização de questões de identidade, de resistência e de ativismo. Assim sendo, utilizaremos as características próprias à comunidade, elencadas por Paiva (2003) - solidariedade, identificação, união, altruísmos e integração – para mostrarmos como os negros as transportaram até o espaço online, tornando esse espaço ambiência de resistência cultural, de empoderamento e de ativismo.

Dessa maneira, o presente artigo toma por seu objeto de investigação o conjunto das comunidades virtuais voltadas ao impulsionamento de coletivos negros dentro da sociedade civil, e ao fortalecimento da luta antirracista. Para melhor compreensão das peças, dos atores e das dinâmicas que constituem esse espaço faz-se necessário o sentido de comunidade desenvolvido por Raquel Paiva (2003); imprescindível também para que possamos compreender as características trabalhadas nesta pesquisa, citamos a importância das comunidades – sejam offline ou online no processo de conexão dos sujeitos – e os novos aspectos dessa reunião na ambiência virtual.

Tendo em vista que os avanços tecnológicos – em especial, a Internet – “redesenharam” uma série de mudanças na forma do engajamento político dos sujeitos, assim como ampliaram a ideia de espaço público e de comunidade, buscamos neste artigo compreender como as comunidades virtuais podem fortalecer a cultura negra e empoderar os indivíduos?

O ser-em-comum da comunidade é a partilha de uma realização, e não a comunidade de uma substância. Quer

dizer, não se define como um estar-junto num território, numa relação de consanguinidade, numa religião, mas como um compartilhamento ou uma troca (SODRÉ, 2002, p. 224).

Por conseguinte, tomamos por objeto de análise as comunidades: “*Ponte para Pretxs*” e “*Intelectuais Negras: escrita de si mesma*”, espaços voltados às mulheres e aos homens negros que promovem a cultura negra, sua autonomia e identidade e que combatem o racismo nas diversas instâncias sociais.

Localizadas na rede social digital Facebook e com temáticas diversas, as duas comunidades têm em comum a finalidade de atender o coletivo negro, podendo ser vistas como espaços de interação político-econômico-cultural e de luta contra a cultura hegemônica. É o que pretendemos demonstrar: comunidades virtuais que se tornam lugares de luta (ativismo), empoderamento e fortalecimento da cultura afro brasileiro, autênticos quilombos virtuais.

Palmares: a rede social clandestina

Palmares, localizada entre Alagoas e Pernambuco, à distância de 120 quilômetros do litoral pernambucano, era um local de refúgio de escravos. Foi a maior comunidade de fugitivos, datando de 1597, (GOMES, 2011). Situada nas serras, local com abundância de palmeiras, a comunidade de Palmares possuía uma ampla rede social clandestina que tinha por finalidade ajudar os escravos fugitivos oferecendo-lhes moradia, alimento, roupas, proteção e exercício da sua cultura (religião, dança e cânticos).

Uma rede de moradores que protegia os negros de serem capturados garantia as trocas econômicas:

(...) uma ampla rede social clandestina, na qual não se trocavam apenas bens econômicos. Existiam articulações em torno dos mocambos, das senzalas, das vilas e dos engenhos – como denúncias de que alguns moradores protegem os negros do Palmar (...) (GÔMES, 2011, p. 15)

Ou seja: Palmares – delimitada por barreiras geográficas – se mostrou a primeira rede social do negro em território brasileiro, permitindo aos seus sujeitos associarem-se para vencer o sistema escravocrata, assim como experienciarem seus sonhos de liberdade. Nela estabeleceram-se e resgataram-se laços sociais interrompidos em decorrência da escravidão. Os negros, ali, souberam formar alianças entre eles próprios e entre outros, fortalecendo a luta e criando um sistema de comércio através dos excedentes de suas plantações.

Protegidos, porém nunca isolados: a economia de Palmares, de base agrícola, não se destinava exclusivamente à subsistência de uma população crescente. Com os excedentes, realizavam trocas mercantis com moradores e lavradores das vilas próximas. Farinha, vinho de palma e manteiga eram trocados por armas de fogo, pólvora, ferramentas e tudo mais de que precisavam nos mocambos. Mesmos dispersos numa extensa área geográfica, havia comunicação entre aldeias e acampamentos, com atividades econômicas que se complementavam. (IDEM, 2011, P. 14)

Embora vivendo em uma área geográfica de difícil acesso, “havia comunicação entre as aldeias e acampamentos”, pois os escravos fugidos contavam com a rede de contatos clandestina que os abastecia e que consolidava Palmares. Assim, tomados pela necessidade de sobrevivência, os negros compuseram sua comunidade, no intuito de se protegerem da violência da escravidão e de compartilharem seus valores (cultura), suas lutas, seus saberes, ressaltando o “ideal comunitário”.

Considerando que o Quilombo de Palmares representa a vitória da resistência da comunidade negra, frente ao modelo imposto aos negros africanos que chegaram ao Brasil, durante os séculos XVII e XIX, a ideia de comunidade e rede social é extremamente emblemática, à medida que simboliza a resistência e o fortalecimento do laço social. À vista disso, as redes sociais já vêm de longa data; por outro lado, deve-se à globalização, aos avanços tecnológicos e a determinados aspectos capitalistas a emergência da nova forma de socialização e compartilhamento, em que pessoas, instituições e organizações conectadas por computadores formulam diferentes modalidades de comunicação e associação – dentre elas, a comunidade.

Deste modo, pode-se afirmar que as comunidades virtuais do século XXI, formuladas pelos coletivos negros e presentes nas redes sociais, constituem-se como quilombos virtuais, cuja finalidade é fortalecer a ideia de identidade e de autonomia (empoderamento) que reverbera até hoje naqueles que tiveram esses sentimentos arrancados de si por 3 (três) séculos. Sendo assim, as comunidades virtuais caracterizadas pela capacidade de desterritorialização tornam-se espaços de fortalecimento e regaste das diversas culturas negras espalhadas pelo Brasil.

Segundo Lemos (2002, p.93), para Maffesoli “As comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territórios fixas”. Assim, se a noção de território diferencia as comunidades virtuais das comunidades tradicionais; a união, a partir de um interesse em comum, estabelece o ponto de intersecção entre ambas.

Rheingold (1995) aponta as comunidades virtuais como agregados que surgem da Internet. Algumas dessas comunidades estão localizadas em redes sociais digitais¹ - plataformas que mobilizam cada vez mais usuários a agregarem informações, construindo formas de conexão que permitem o reconhecimento de outros sujeitos, bem como o compartilhamento de ideias nesses espaços.

Nas redes sociais, “a vida social, as mentalidades, os valores e os processos culturais parecem definitivamente vinculados a telas, monitores e ambientes virtuais” (MORAES, 2010, p.15). A dimensão dessa cultura empresta à comunicação outro valor, tornando o processo comunicativo horizontal mais carregado de afeto na circulação de seus conteúdos; e seu espaço, um ponto de irradiação de movimentos sociais.

As redes e o ativismo das minorias

As redes sociais, ao modificarem as mentalidades e os processos culturais, alteraram a percepção de espaço público, consolidando-o como espaços de comunicação fora do controle dos detentores do poder. Tornaram-se palco para diversas manifestações políticas e para movimentos sociais que clamam por igualdade, empoderamento, respeito aos direitos humanos e por maior transparência dos poderes institucionais. Dentre esses movimentos pode-se citar: #MariellePresente², #DeixaElaTrabalhar³ e ##ConceiçãoEvaristoNaABL⁴. Esses engajamentos virtuais ilustram militâncias originárias da Internet que tomaram os espaços públicos, em revolta contra o preconceito, a discriminação de gênero e os abusos institucionais.

Todavia, o engajamento social - o ativismo – não se constitui como algo novo nem pertencente à geração do início do século XXI. Os indivíduos sempre se uniram na luta pelos seus direitos e na contestação ao autoritarismo. Anteriormente, os movimentos concentravam-se na resistência, nas reações populares e nas lutas referentes às áreas rurais, à ocupação de espaços (WARREN, 1996). Com a globalização das economias e das políticas, outras questões, como os assuntos referentes às causas minoritárias – feminismo, ambientalismo, negritude – que lutam pela redução do poder hegemônico e pelo aumento de representantes nos grupos de poder, passaram a pautar os movimentos sociais. Por conseguinte, as militâncias que emergiram nestes últimos anos buscam transformar as pessoas em sujeitos de suas próprias vidas (CASTELLS, 2013).

Foi durante o período escravagista que o movimento negro surgiu no Brasil. Ao longo do tempo, o movimento acompanhou as demandas políticas e sociais do país; se nos primórdios lutou-se por liberdade; nos anos posteriores foram reivindicados direitos e afirmação sociais, equiparidade e valorização da cultura negra. Cabendo ressaltar a força que a temática da valorização cultural obteve a partir dos anos 2000, com crescente destaque nos debates públicos.

Segundo Domingues (2007), o coletivo negro “africanizou-se”. Os líderes passaram a promover a identidade étnica específica do negro com discursos de resgate das raízes dos ancestrais: a indumentária, a culinária e a beleza negra tornaram-se pontos a serem explorados e divulgados por a toda sociedade.

Essa valorização da cultura foi fundamental para que a luta negra ganhasse visibilidade e passasse por transformações que ainda estão em curso. Domingues, assim descreve (2007, p. 119): “Trata-se de um movimento cultural inovador, o qual vem adquirindo uma crescente dimensão nacional; é um movimento popular, que fala a linguagem da periferia, rompendo com o discurso vanguardista das entidades negras tradicionais.”

O coletivo busca aliar o resgate da cultura negra à valorização do corpo desses sujeitos, por meio de campanhas sociais que proclamam os seguintes slogans: “Negro Sim!”, “Negro 100%”, “Se a coisa tá preta, a coisa tá boa”, “Duro é o seu Racismo”, “Meu cabelo não pediu sua opinião”, entre outros. Os ativistas relacionam suas lutas de valorização da cultura negra e do aumento da autoestima ao termo empoderamento. Tal como aponta Djamila Ribeiro⁵, o termo não se refere à tomada de poder.

O termo empoderamento muitas vezes é mal interpretado. Por vezes ele é entendido como algo individual ou a tomada de poder para se perpetuar as opressões. Para o feminismo negro, empoderamento possui um significado coletivo, trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres negras como sujeitos ativos de mudança. Como diz Bell Hooks (nascida Gloria Watkins e adotou o nome de sua avó e pede que o usem assim em minúsculo), empoderamento diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva anti racista, anti elitista e sexista através das mudanças das instituições sociais e consciência individuais. Para Bell é necessário criar estratégias de empoderamento no cotidiano, em nossas experiências habituais no sentido de reivindicar nosso direito a humanidade. (RIBEIRO, 2015)

O termo empoderamento, acolhido como lema do movimento feminista negro, não é novidade. A palavra, um neologismo do educador Paulo Freire, tem origem no termo inglês “empowerment”. O Dicionário Oxford⁶ o define como: “(1) Authority or power given to someone to do something ; (2) The process of becoming stronger and more confident, especially in controlling one’s life and claiming one’s rights.”⁷ A ideia de conferir a alguém ou a um

grupo o controle de sua vida e o direito de reivindicar seus direitos fez com que a palavra caísse nas graças do movimento feminista e do movimento negro, exemplos de coletivos sociais que lutam pela emancipação dos indivíduos e pela equidade dos direitos civis. Dessa maneira, a conceituação cresceu em conformidade ao fortalecimento das lutas sociais.

Dentro do Movimento Negro, empoderamento representa a construção de um projeto, seja ele, individual ou coletivo. O sujeito abandona a posição de oprimido, denuncia práticas racistas e fortalece sua identidade resistindo ao sistema de opressão que o racismo cria por meio da estética (corpo, cabelo, roupa). A chave do empoderamento é a conscientização do oprimido; a capacidade de fazê-lo perceber que o racismo não se resume à prática verbal de inferiorização do sujeito, mas é parte de um sistema estruturado e arraigado que nega oportunidades a determinados grupos enquanto concede privilégios a outros, fazendo com que as reivindicações dessas minorias sejam vistas como agressivas e violentas.

Logo, empoderar vem a ser a formulação de uma consciência crítica e livre, efetivada por meio da educação comunitária, de palestras e de produções de conteúdo destinadas àqueles que vivenciam uma opressão. A finalidade deste discurso apropriado pelo movimento negro é fornecer os instrumentos necessários para que a comunidade negra – online ou off-line – possa reivindicar políticas públicas que diminuam as desigualdades. Graças às redes sociais digitais essas solicitações vêm crescendo, ganhando adesão popular e mais força devido ao crescimento exponencial do ativismo em rede.

Para o ativismo, o qual vem a ser toda doutrina e argumentação em favor da prática efetiva de transformação da realidade, as redes digitais tornaram-se as âgoras do mundo moderno. Em rede, o ativismo começou a se desenhar em 2000 através de blogs da Internet e se consolidou a partir do momento em que coletivos sociais surgidos de dentro das redes sociais (Facebook, Twitter, Blogs) passaram a realizar eventos, palestras e passeatas em lugares públicos.

Essa nova forma ativista de agir frente às demandas sociais trouxe para o Movimento Negro – formado inicialmente como uma organização hierárquica que funcionava em torno de um único líder – a permissão de movimentos sem liderança, a partir da rede. O resultado foi o crescimento exponencial de jovens ativistas e a renovação incessante da militância. Em entrevista à revista *Cult*⁸ sobre as novas lideranças ativistas negras, a filósofa Sueli Carneiro fez os seguintes apontamentos:

A boa notícia é que nenhum movimento social se renova tanto quanto o movimento negro. E a segunda boa notícia: nunca tivemos um ativismo tão vibrante e tão

capaz de vocalização como neste momento, sobretudo das mulheres negras. Esse conjunto diverso de gente negra em movimento é algo novo que me faz ter esperança na resistência. (CARNEIRO, 2017, p. 17)

Esse “(...) ativismo tão vibrante e tão capaz de vocalização (...)” assim como a filósofa o define, expressa a penetração do Movimento Negro dentro das redes sociais. Observa-se, conforme Castells (2013), a Internet e as redes digitais modificando os movimentos sociais, por conta da relação de autonomia da comunicação e do contra poder presentes neste espaço. Tudo isso permitiu a vocalização de novos ativistas; os quais, organizados de maneira autônoma, souberam engendrar um campo de resistência ao cenário racista, sustentado por políticas conservadoras e discriminatórias que coíbem quaisquer formas de denúncias racistas e de manifestações da cultura negra.

Resistência Comunitária: “Ponte para Pretxs” e “Intelectuais Negras: escritas de si”

(...) a exigência, que é própria da hermenêutica, de pensar a realidade histórica propriamente dita nos advém daquilo que chamo de *princípio da produtividade histórica* (...). Compreender é operar uma mediação entre o presente e o passado, é desenvolver em si mesmo toda a série contínua de perspectivas na qual o passado se apresenta e se dirige a nós. Nesse sentido radical e universal, a tomada da consciência histórica não é o abandono da eterna tarefa da filosofia, mas a via que nos foi dada para chegarmos à verdade sempre buscada. (GADAMER, 2003, p.71)

Note-se que a história do negro escravizado traz a marca de lutas e de atos de coragem, os quais se convencionou chamar “resistência negra” - formas variáveis de insubmissão às condições de trabalho, de revoltas, e de fugas. Esses atos permitiram que os negros constituíssem formas de oposição à estrutura escravocrata e que lutassem por uma estrutura política que incluísse todos os tipos de opressão. Nessa luta pela liberdade, os laços de solidariedade entre os indivíduos se fortaleceram e persistem até hoje, tanto nos espaços físicos quanto nos espaços virtuais, tais como veremos a seguir.

A Ponte para Pretxs, uma comunidade virtual fechada, presente na rede social Facebook, conecta negros de todas as partes do Brasil e do mundo. Constituída por 18.479 membros, fomenta o empreendedorismo, tendo sido criada com o intuito de auxiliar afrodescendentes a conquistar espaço no mercado de trabalho.



Victor Del Rey, seu criador, em entrevista ao jornal *Empodera*⁹, explicou que a comunidade nasceu de um trabalho de conclusão de curso e da necessidade de estreitar os laços entre empregadores e negros que procuravam oportunidades de emprego:

Na época eu era orientando do Luís Eduardo Soares, na graduação em Ciências Sociais pela Fundação Getúlio Vargas, eu tinha que entregar a monografia porque ia viajar para a Colômbia, ou seja: Eu não tinha muito tempo de ficar pesquisando a pessoa adequada para a vaga, então tive um insight de fazer um grupo, e as pessoas que se enquadrassem naquele perfil, poderiam se inscrever naquela oportunidade.

A Ponte para Pretx pode ser considerada mais do que uma simples comunidade virtual voltada ao empreendedorismo e à recolocação de profissionais negros no mercado. A comunidade também divulga, através do compartilhamento de seus membros, cursos, workshops e eventos; assim como auxilia os participantes a encontrar informações de instituições e referências de profissionais de determinada área.

Dentro dela, as características clássicas próprias de uma comunidade – compartilhamento, fortalecimento dos laços, solidariedade e união dos sujeitos em torno de um interesse comum – convivem com o novo comportamento social de promoção ao empreendedorismo negro. Segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o Brasil¹⁰ possui 11 milhões de empreendedores afrodescendentes. Podemos considerar que isso seja reflexão dos movimentos de empoderamento negro, em que o sujeito busca se vê refletido nas marcas; como também, a descoberta do povo negro como público consumidor, sua dificuldade em adentrar o mercado de trabalho, de contratar serviços e profissionais, de comprar um produto.

Pesquisa realizada pelo Procon-SP¹¹ (Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor de São Paulo), de nome “Discriminação Racial nas Relações de Consumo”, revelou que mais da metade (56,4%) dos entrevistados afirmou ter presenciado atitude discriminatória de raça ao comprar um produto ou contratar um serviço. Dentro de um contexto de luta contra o racismo e de sobrevivência ao sistema neoliberal - em que o sujeito vê-se a si mesmo como um produto - o negro vem aprendendo que empreender é uma forma de entrar no mercado de trabalho, de construir respeito social e resgatar a autonomia sobre a própria vida.

Segundo Mbembe (2008), o tráfico atlântico transformou os homens e as mulheres negras em mercadoria e moeda, ensinando-lhes que suas vidas estavam condenadas à vida dos outros. Assim, se antigamente, a questão que afligia o sujeito era ser explorado pelo sistema da época; hoje, o medo se encontra no fato “(...) de ser relegado a uma ‘humanidade supérflua’, entregue ao abandono, sem qualquer utilidade para o funcionamento do capital” (MBEMBE, 2018, P.16).

O autor africano nos mostra que esse novo homem – sujeito do mercado – precisa apoiar-se na memória artificial e digital, nas comunidades e nas conexões para inserir-se no mundo global e reencontrar a verdade sobre si mesmo. Assim, o negro pode tornar-se “empreendedor de si mesmo”, moldável e pronto a se reconfigurar permanentemente em função dos artefatos sociais.

Desta maneira, não podemos considerar “*A ponte para Pretxs*” como simples comunidade online; mas, como um espaço de trocas reais e simbólicas, voltado exclusivamente para pessoas negras, tendo por finalidade construir estratégias de resistência em que negros possam se alimentar da força e do ânimo para continuarem empreendendo. Além disso, a comunidade mostra que o empoderamento (o poder) acontece a partir de uma ação coletiva e não por véis individualistas e que a união não se restringe apenas a bens econômicos.

Prosseguindo neste contexto de empoderamento do negro, segue-se a comunidade “*Intelectuais Negras; escrita de sim*” que tem por compromisso “(...) reconhecer Mulheres Negras como Intelectuais Negras produtoras de conhecimentos em seus diversos espaços de atuação”. Criada em 29 de julho de 2016 e apresentada pelo Facebook como uma comunidade, o grupo é formado por mulheres, possui 10.289 curtidas e 10.450 membros, sendo aberto a qualquer usuário.



Voltado à discussão de autoras negras, o grupo possui um encontro bimestral, em que mulheres podem exercer práticas de leituras e escritas. Através do conhecimento de autoras negras como Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro entre outras, o coletivo incentiva a produção de conhecimento de escritoras negras, o fortalecimento da rede feminista negra, a troca de experiência e o resgate de memórias ancestrais.

A construção de uma rede feminista negra permite trazer à tona questões relativas à identidade do sujeito, tais como: a questão do silenciamento e do esquecimento; o processo de descolonização do pensamento europeu; o compartilhamento de afetos; a constituição de uma identidade relacionada à força da resistência, ao orgulho de si, à história da luta e da beleza; temas estes que permitem o abandono dos estereótipos eurocêntricos; a valorização das tradições, por meio da escrita e da leitura de outras mulheres.

Muniz Sodré (2005) aponta que o poder de transformação é o que impulsiona uma minoria. Neste contexto, podemos dizer que a necessidade de romper com o silenciamento, procedente da sociedade patriarcal e racista, fez com que as mulheres negras formassem uma rede com o intuito de reencontrar a verdade sobre elas mesmas, e de ressignificar o papel da mulher negra dentro da sociedade, rompendo com as velhas ideias de que estão destinadas ao trabalho braçal, a solidão e ao fato de serem tão somente ferramentas sexuais. Desta maneira, a rede busca auxiliá-las na luta por respeito intelectual, visibilidade e espaço nas instâncias de poder.

A comunidade “*Intelectuais Negras*”, como espaço de resistência, de estratégia de combate e de acolhimento feminino, em muito se assemelha aos antigos quilombos. Com encontro em ambiente físico, UFRJ/IFCS, o coletivo

extrapola o mundo online e passa a operar dentro do espaço acadêmico. Nos últimos anos, o número de negros e indígenas nas universidades cresceu bastante. O ingresso desses jovens deve-se à implantação das políticas públicas que asseguram a inclusão racial nesses espaços, até então, ocupados, durante décadas, majoritariamente por pessoas brancas.

A entrada tardia de negros em instituições educacionais reflete a inexpressiva participação de mulheres negras nos programas de pós-graduação, o que ainda perdura. Além disso, dados coletados no Censo da Educação Superior (2016), demonstram essa disparidade: 10 mil professoras doutoras brancas, atuando em programas de pós-graduação e 219 professoras doutoras negras (0,4% pretas). Nessa amostra percebe-se o racismo que opera no âmbito dos ambientes institucionais. O fato de as universidades brasileiras ainda serem espaços de pessoas brancas, o fato de os negros não serem vistos como sujeitos produtores de conhecimento, e a dificuldade de mulheres negras adentrarem este espaço e ali se manterem são provas evidentes dos dados coletados.

A construção de uma comunidade virtual que oferece a possibilidade de mulheres negras conhecerem a história de Carolina Maria de Jesus, autora negra que apesar da condição social e das histórias de maltrato não abdicou do sonho de tornar-se uma escritora, impulsiona outras mulheres negras a sonhar em um dia ocupar os espaços universitários da medicina, engenharia, arquitetura, ou da política. Assim, a comunidade “*Intelectuais Negras: escrita de si*” vai além do apresentar escritoras; tal qual na perspectiva do Quilombismo, ela faz com que os sujeitos continuem resistindo e lutando por dias melhores.

Devemos olhar esse coletivo em termos de espaço de acolhimento, de resistência, de inclusão social, assim como um espaço de produção científica que ressignifique, mesmo que aos poucos, o papel da mulher negra e rompa com o silenciamento da produção de autoras negras. Isso posto, faz-se necessário pensar a mulher negra como uma produtora de conhecimento desejosa também de ouvir e aprender.

Considerações Finais

A reflexão sobre quilombo no escopo desta análise representa a força do coletivo negro, sua resistência, sua capacidade de empreender, de lutar pela preservação da cultura e de construir uma estratégia de luta. É de notório conhecimento a persistência no território brasileiro de algumas comunidades

quilombos, que apesar dos entraves políticos e sociais, continuam a manter vivas as tradições negras e suas conexões com o território, a ancestralidade, a terra e as práticas culturais próprias.

Cabe ainda considerar que as comunidades negras conseguiram se reinventar em virtude dos avanços sociais e políticos, persistindo naqueles espaços nos quais a noção de tempo-espaço ganha outra dimensão e as conexões acontecem a todo instante e de forma imediata. A Internet “redesenhou” uma série de mudanças na forma do engajamento político dos sujeitos e também ampliou a discussão do conceito de “espaço público” ao se colocar como um “lugar” cujas discussões reverberam nos espaços públicos em forma de ações concretas decorrentes do compartilhamento de ideias iniciadas na ambiência virtual, principalmente, nas redes sociais.

Se por um lado, as redes sociais digitais permitiram o compartilhamento de ideias, o florescimento de uma consciência antirracista e o fortalecimento de um grupo de negros dispostos a lutar; por outro, também permitiu que pessoas manifestassem seus discursos de ódio, escudadas na ideia da livre opinião. Entretanto, não nos cabe essa análise, mas sim, pontuarmos que o Movimento Negro, nas redes sociais, tornou-se mais colorido e diversificado pela participação livre e autônoma de jovens com vontade de resistir e de contribuir na realização de uma sociedade mais justa para todos.

A preservação do espírito quilombo de resistência e de preservação da cultura negra pode ser visto e reconhecido nas duas comunidades apresentadas neste trabalho. Suas temáticas diversas - empreendedorismo negro e visibilidade de produções de intelectuais negras - se convergem na necessidade de resistência, de luta e de manutenção viva da tradição negra. Devemos olhar esses espaços como portos seguros, onde indivíduos negros conectam-se em busca de segurança, acolhimento, solidariedade e força a fim de que a luta contra as amarras racistas de silenciamento, invisibilidade e submissão não esmoreça.

Referências

ACHILLE, Mbembe. **Crítica da Razão Negra**. Paris, Éditions La Découverte, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. 8. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010

- GADAMER, Hans-Georg. **O Problema da Consciência Histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- GOMES, dos Santos Flávio. **De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social**. São Paulo, Claro Enigma. 2011.
- GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia (org.) **Lugar de negro**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1982. 115p. p.9-66.
- LE MOS, A. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MOORE, Carlos. **Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**, 2ª ed. (Brasília/ Rio: Fundação Cultural Palmares/ OR Editora, 2002).
- PAIVA, Raquel. **O espírito comum – Comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis. Vozes, 2003.
- PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. **Comunicação e Cultura das Minorias**. Rio de Janeiro: Paulus, 2005. In: SODRÉ, MUNIZ (org.) **Por um conceito de Minoria**. Rio de Janeiro, Paulus, 2005. p.12-15.
- RECUERO, Raquel. **Comunidades virtuais em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com**. Porto Alegre, 2006. Tese (doutorado) – 334 f. - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação.
- _____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2009.
- _____. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro, Zahar, 2012
- RHEINGOLD, H. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995
- SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **O terreiro e a cidade. A forma social negro-brasileira**. Petrópolis, Vozes, 1988.

Nota

- 1 Neste trabalho utilizamos o conceito de rede social formulado por Raquel Recuero (2009) de um conjunto de dois elementos, atores (pessoas, instituições, ou grupos que seriam os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).
- 2 A hashtag #MariellePresente surgiu como referência ao assassinato da vereadora do PSOL. Conforme link: <https://exame.abril.com.br/brasil/marielle-alcanca-1o-lugar-nos-trending-topics-do-twitter/> Acesso: 2 de jul de 2018
- 3 #DeixaElaTrabalhar foi uma campanha organizada por jornalista na luta pela igualdade de gênero e pelo fim do assédio. Conforme link: http://www.purepeople.com.br/noticia/-deixa-ela-trabalhar-campanha-contra-assedio-reune-jornalistas-saiba-mais_a221454/1 Acesso: 2 de julho de 2018
- 4 Campanha que apoia a candidatura da escritora Conceição Evaristo à Academia Brasileira de Letras. Link: <https://www.change.org/p/academia-brasileira-de-letras-concei%C3%A7%C3%A3oevaristonaabl> Acesso: 2 de jul de 2018
- 5 Trecho extraído do site Geledés – Instituto da Mulher Negra. Link: <https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/> Acesso nov. de 2017.
- 6 Informação retirada do seguinte link: <https://en.oxforddictionaries.com/> Acesso nov. 2017
- 7 Tradução livre: “(1) Autoridade ou poder dado a alguém para fazer algo e (2) O processo de tornar-se mais forte e mais confiante, especialmente no controle de sua vida e na reivindicação de seus direitos.”
- 8 Entrevista de Sueli Carneiro para a Revista CULT: <https://revistacult.uol.com.br/home/sueli-carneiro-sobrevivente-testemunha-e-porta-voz/> n° 223/ Maio 2017, ano 20
- 9 Entrevista disponível no link: <http://jornalempoderado.com.br/ponte-que-une-negros-oportunidades-incriveis/> acesso: 02 de jul de 2018
- 10 Dados disponíveis no seguinte link: <http://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2018/03/01/os-afro-empresendedores.html> Acesso: 03 jul de 2018
- 11 Pesquisa disponível no link: https://www.huffpostbrasil.com/2017/05/13/barrados-nos-bancos-sem-empregados-negros-sao-maioria-no-empre_a_22082054/ Acesso: 03 jul de 2018